



CORPOS QUE EDUCAM: SER SENDO (TRANS) EDUCADORA SOCIAL

BODIES THAT EDUCATE: BEING (TRANS) SOCIAL EDUCATOR

Hiran Pinel

Rodrigo Bravin

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

O objetivo deste artigo é descrever compreensivamente a educação social construída por uma (*trans*) educadora social. Para isso, foi adotada como perspectiva teórica a fenomenologia existencial fundamentada nas contribuições de Paulo Freire (1996, 2005, 2013). A produção dos dados aconteceu a partir da adoção da história oral e de vida, tendo como técnica para produção a entrevista não diretiva. O ser (*trans*) educadora social se produz com um descer do salto para promover rebeldias na mundanidade da rua buscando ser mais (FREIRE, 2005) e construir uma educação fundamentalmente revolucionária. A experiência da drogadição, da exclusão não impediu que a educadora social transformasse a rua em um local não só de moradia e trabalho, mas também de resistência e promoção da cidadania.

Palavras-chave: Pedagogia social. Educadora social. (*Trans*) educadora.

Abstract

The objective of this article is comprehensively to describe the social education constructed by one (*trans*) social educator. For this, the existential phenomenology based on the contributions of Pablo Freire was adopted as perspective theoretician (1996, 2005, 2013). The production of the data happened from the adoption of verbal history and life, having as technique for production the not directive interview. The being (*trans*) social educator if produces with one to go down of the jump to more promote rebeldias in the mundanidade of the street searching to be (FREIRE 2005) and to construct a basically revolutionary education. The experience of the drogadição, of the exclusion did not hinder that the social educator not only transformed the street into a place of housing and work, but also of resistance and promotion of the citizenship.

Key words: Social pedagogy. Social educator. (*Trans*) educator



Introdução

O presente artigo apresenta um recorte da dissertação de mestrado “(Trans) pensando a educação social: os sentidos de ser (*trans*) educadora social” cujo objetivo foi descrever compreensivamente os sentidos de ser (*trans*) educadora. Nesse texto a proposta é descrever compreensivamente a educação social produzida por uma travesti que é educadora social

Brandão (2007) ensina que não existe somente uma educação e que não é apenas a escola que educa. Da família à escola, passando pela rua, acontece educação e ela pode ter diversas características. Pode servir para manter e aumentar as desigualdades ou ainda para questioná-las e superá-las.

Antes de qualquer organização, a educação acontece e ela se manifesta de tantas formas que parecem imperceptíveis frente ao padrão que estamos acostumados que é o de pregar uma placa com o nome escola (BRANDÃO, 2007).

Em muitos momentos não ocorre o que chamamos de “processo formal de ensino”. O que se desenvolve entre diversos grupos, são as trocas de experiências na vida vivida cotidianamente, onde o saber está presente nas relações que são estabelecidas com os corpos e mentes.

Por isso, compreender que tipo de educação se produz “na margem” nos fez buscar conhecer a educação social inventada na rua por uma educadora social trans. Dentro desse contexto, é importante questionar algumas posições que afirmam que a população *trans* aceita viver a exclusão passivamente e que somente a escola formal é capaz de produzir educação.

Fundamentos da Pedagogia Social

Embora a educação gratuita e de qualidade seja um direito constitucional, ainda hoje assistimos a grandes contingentes populacionais que estão fora da escola. O portal

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



de notícias Uol Educação¹ de janeiro de 2016 traz dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014 onde aponta a existência de 2,8 milhões de crianças fora da escola. Ao mesmo tempo, o site governamental Portal Brasil² indica que em 2010 o Censo contabilizou mais de treze milhões de analfabetos no Brasil.

São pessoas com deficiência, crianças, jovens e adultos em situação de rua, gays, lésbicas, travestis e transexuais, trabalhadores, etc. com acesso dificultado ou inexistente à educação. Mesmo reconhecendo essa dificuldade, é importante entender que processos educacionais acontecem em vários ambientes e a população excluída encontra, de formas variadas, outros espaços que de alguma maneira contribuem para o enfrentamento e superação de suas dificuldades.

[...] São associações, clubes, obras sociais e uma infinidade de locais onde têm experiências relativas à educação, ao esporte, ao trabalho, ao lazer e à cultura, por meio de uma riqueza de metodologias, projetos e ações. Em outras palavras, a escola é indispensável, mas não suficiente, isto é, não se pode jogar sobre seus ombros toda a luta contra a exclusão social (CALIMAN, 2010, p. 236).

Essas práticas pedagógicas, chamadas de não-formais, são o foco de atenção da pedagogia social que é definida por Ryyñämen (2014) como uma perspectiva direcionada ao desenvolvimento de capacidades sociais, que reconhece não haver possibilidade de separação entre pessoas e comunidades. Por isso, estimula a participação de indivíduos e grupos afirmando que a educação é parte integrante da sociedade.

Colodete; Paiva e Pinel (2012) consideram a Pedagogia Social uma disciplina científica que produz saberes para fundamentação da educação social que é uma prática.

¹ Disponível em <http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/01/19/brasil-tem-28-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-fora-da-escola.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.

² Disponível em <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/11/censo-2010-cai-taxa-de-analfabetismo-no-pais>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.



Nesse sentido, reafirmam que ela se dirige para a promoção da educabilidade humana de pessoas que se encontram em situação desfavorável.

Sua proposta é a de educar (e cuidar – em todos os seus sentidos, inclusive no de educar) ao outro através de teorias/ recursos e técnicas didático-pedagógicas, aos problemas e aos sofrimentos humanos na esfera da socialização, com atuação em áreas de risco visando à minimização, bem como fazer o acompanhamento psicossocial e pedagógico (não-formal e formal, inclusive escolar). Trata-se dos educandos que vivenciam processos de marginalização e que se sentem sem a mínima autonomia para protestar e denunciar esse vivido injusto – sem ter seus direitos humanos garantidos. Apresenta ainda - esse humano - carências afetivas (e vitais – como alimentação, tratamento médico etc.) ou faltas sociais (em todas as dimensões) – humanos, grupos, coletividade, comunidades, sociedades. É preciso ser protagonista (COLODETE; PAIVA; PINEL, 2012, p. 06).

Embora se eleja o século XX como uma era de significativos avanços tecnológicos e industriais, não houve a inclusão de boa parte da população mundial no acesso aos bens produzidos socialmente. É nesse contexto que o educador social atua buscando problematizar e enfrentar as mazelas produzidas por um modelo econômico no qual poucos usufruem do trabalho que é coletivizado.

Para Caliman (2011), a Pedagogia Social é uma ciência inserida no grupo de Ciências da Educação dedicada aos processos de sociabilidade humana, que transcende barreiras geográficas, alcançando lugares onde o Estado não chega. Nesse contexto, seu papel é contribuir no processo de politização dos sujeitos para que cobrem do Estado políticas públicas que atendam as pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade e escassez de atendimento às suas necessidades mais básicas.

Paiva (2010, p. 02) ressalta que a educação social fundamentada na Pedagogia social

[...] consiste em um modo de educar voltado aos interesses e necessidades dos educandos em um ambiente adaptado ao aluno, à sua cultura e ao seu meio social, conseguindo de forma integral compreender o indivíduo, como o tal



pensa em sua formação e realiza o fazer da "ensinagem" social, em que o olhar atento para a pessoa e seu capital social se torna condição essencial conseguindo de forma integral compreender o indivíduo, como o tal pensa em sua formação e realiza o fazer da "ensinagem" social, em que o olhar atento para a pessoa e seu capital social se torna condição essencial.

A Pedagogia Social, com a contribuição de vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros, move-se numa direção crítica para a construção de uma sociedade mais justa, onde as pessoas possam desenvolver suas potencialidades e na qual os direitos constitucionalmente garantidos sejam efetivados em sua plenitude.

Graciani (2014) reforça que a ciência Pedagogia Social é uma proposta aberta que se adapta às demandas populares vislumbrando a superação do passado e propondo uma nova sociedade mais humana e construída por múltiplas vozes.

A pedagogia social se difere da pedagogia escolar por ter como um dos seus objetivos atender todos aqueles que a instituição formal escola não alcança (CALIMAN, 2006). Seu movimento é diverso, plural e principalmente crítico, visando produzir reflexão e a desnaturalização da desigualdade.

Caliman (2006) aponta outra importante definição que estabelece diferenças entre pedagogia social e pedagogia escolar.

Travestilidade em perspectiva: entre corpos e mundos

Os seres humanos vivenciam seus corpos de diversas maneiras, transformando-os em meios de expressão. Nesse sentido, o corpo é uma expressão simbólica que fala e que carrega o mundo em si, contrapondo-se à teoria cartesiana que o divide em partes.

Não faço contato com o mundo simplesmente pensando sobre ele, como diria Descartes, mas experimentando-o com os sentidos, agindo sobre ele, por meio das mais elaboradas tecnologias até dos movimentos irrefletidos mais simples, e tendo sobre ele sentimentos que cobrem toda a gama de complexidade e sutileza. É a partir do contato com o mundo por meio do meu corpo que resulta na significação dos objetos para mim: experimento as coisas à minha volta não

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



como objetos distanciados, mas tendo como tendo significado emocional, sensual, prático e imaginativo (DAVI, 2013, p.54).

Pensar o corpo apenas sob uma perspectiva biológica é enquadrá-lo, limitá-lo e torná-lo algo estático, imutável. A sexualidade, dentro desse processo, é construída pelo corpo em contato com o mundo. Merleau-Ponty (2011) entende que o corpo não é algo original e nato. Por isso, a sexualidade afeta a experiência que uma pessoa tem com o mundo, quando ela é lançada nesse mundo.

O corpo fala, mas não fala sozinho, fala com alguém, fala para um outro, sua essência é dialógica. A capacidade expressiva do corpo transcende os mecanismos de sua fisiologia, revelando sua segunda natureza: o social. Merleau-Ponty (2006) explica esta comunicação como uma forma de comunhão com o outro, na qual um sujeito retoma a intenção expressa no corpo do outro, permitindo que ela reverbere em seu próprio corpo (REIS, 2011, p. 43).

O corpo em Merleau-Ponty (2011) é muito mais que órgãos e ossos, na verdade é a porta de entrada no mundo. De uma forma geral, instituições sociais como a família e a religião tentam impor formas de existência para o corpo dentro uma perspectiva que aceita somente a heterossexualidade. Essas imposições ignoram as formas de ser no mundo que grupos sociais como o público LGBT constroem. Por isso, entendo ser necessário conhecer os sentidos que uma educadora social *trans* atribui à sua experiência.

Para Merleau-Ponty (2006) o corpo é um ser sexuado. A vivência e a expressão da sexualidade humana, com suas diferentes possibilidades, igualmente apontam para uma subjetividade encarnada. Cada sujeito, ao mesmo tempo em que baliza sua expressão sexual a partir de modelos socialmente instituídos, também descobre por seu próprio corpo um modo também próprio de viver sua sexualidade (REIS, 2011, p. 44).

A realidade mundana se desvela para o homem por meio de seu corpo. Desde as tarefas que são consideradas mecânicas às mais complexas. Por isso, o corpo não pode ser



considerado algo nato, dividido em partes e coordenado pelo espírito. Merleau-Ponty (2011, p. 203) ressalta que o corpo “[...] é no espaço [...]” e liga o homem ao mundo.

Reis (2011, p. 47) afirma que:

É o corpo que nos abre inicialmente a possibilidade de vivenciar qualquer experiência nesta realidade mundana em que nos encontramos. Qualquer atividade que possamos realizar é concretizada pelo corpo, desde as coisas mais banais como amarrar um cadarço de sapato, até as ditas atividades “mentais” como ler um livro, escrever, e inclusive as atividades consideradas espirituais, como rezar ou se conectar pela fé com uma instância superior. O corpo não é uma simples máquina operada por um eu interior, por uma consciência imaterial, pois ele mesmo tem uma forma específica e originária de consciência, uma consciência sensível e pré-reflexiva que opera na percepção, e sobre a qual o pensamento objetivo irá sempre, de algum modo, se basear.

Para Dentz (2008), o corpo conduz o mundo em si por ser um contrato intencional. Ele é o lugar onde as possibilidades humanas se concretizam. A subjetividade humana só pode se construir no contato entre corpo e a concretude do mundo. Se o corpo não for humanizado de sentidos, é impossível haver corpo ou consciência.

Entre corpos, marcas e poder

A vida e a morte sempre andam junto com a travesti. Em vários momentos e situações eu estive entre essas duas coisas... (Lady Débora).

Ao longo da história da humanidade corpos têm sido utilizados para determinar posições de cada pessoa dentro da sociedade e comportamentos aceitáveis. “[...] os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, hierarquizados, e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura” (LOURO, 2008, p. 75).

Peres (2015) aponta para a existência de um bio-poder enraizado nas normas e leis que impõe limite aos corpos e determina práticas sexuais aceitáveis. Nessa perspectiva,



os corpos precisam ser reprodutivos e dóceis para que não sejam punidos. Borillo (2010) nos exorta que a homofobia se produz na união de estruturas psíquicas e um sistema social que se constrói impondo a heterossexualidade monogâmica como uma forma de viver o corpo. [...] A interação do psicológico e do social é que deve ser questionada para se compreender melhor os elementos constantes que facilitam, incentivam ou banalizam a homofobia [...] (BORILLO, 2010, p.87).

O sexo e a sexualidade são produtos na cultura que, muitas vezes, é naturalizada a partir dos processos de socialização a que somos submetidos. Gonçalves dos Santos (2015, p. 27) traz uma importante contribuição ao dizer que:

Gênero, sexo e sexualidade são instâncias diferenciadas, que se misturam no social de forma intrigante. A sociedade ocidental, principalmente a partir do século XIX, definiu uma associação entre esses três elementos, da qual podemos extrair a seguinte definição: masculino-homem-heterossexual-, em oposição à sequência: feminino-mulher-heterossexual. O embaralhamento dessa organização, e a possibilidade de inserir a categoria homossexual em uma das duas, foi considerado como uma patologia, um desvio ou até mesmo um crime [...].

Nos processos de socialização, as crianças vão assistindo e assimilando comportamentos e formas de enxergar o mundo. Essas práticas são ensinadas por instituições sociais como a família, a religião, a escola, etc., se tornam verdades e fundamentam a vida vivida desse público.

Para garantir uma visão unidimensional do corpo, os saberes médicos são invocados e reconhecidos como norma para determinar diferenças entre homens e mulheres e a heterossexualidade como natural.

[...] Centradas em explicações biológicas, mais especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para as mulheres e para homens onde o espaço privado - o lar- passou a ser reconhecido como de domínio da mulher, que nele poderia exercer, na sua plenitude, as virtudes consideradas como próprias de seu sexo tais como a paciência, intuição, a benevolência, entre outras. As explicações para tal

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



localização advinha da biologia do corpo, representado como frágil, não pela tenacidade de seus músculos, pela sua maior ou menor capacidade respiratória ou, ainda, pela envergadura dos seus ossos, mas pelo discurso e pelas representações do corpo feminino que nesse momento operam (GOELLNER, 2013, p.33).

Berger e Luckmann (2009) caracterizam a realidade como uma produção construída socialmente dentro de cada cultura. Por isso, não há nada de natural em ser homem ou mulher, mas contextos culturais dirigidos por redes de poder que impõe o que é certo ou errado em uma determinada sociedade.

Toda cultura tem uma configuração sexual distinta, com seus próprios padrões especializados de conduta sexual e seus pressupostos “antropológicos” na área sexual. A relatividade empírica dessas configurações, sua imensa variedade e exuberante inventividade indicam que são produtos das formações socioculturais próprias do homem e não de uma natureza biologicamente fixa (BERGER; LUCKMANN, 2009, p.71).

Quando se define a heterossexualidade como conduta aceita, qualquer outra forma de viver o corpo é caracterizada como anormalidade. Esses “anormais” se tornam alvos de tratamentos psiquiátricos. Dentro desse contexto, as travestis são pessoas que rompem a barreira do binarismo de gênero, pois se recusam a viver os papéis que lhes são impostos a partir de perspectivas biológicas.

À travesti é atribuído o papel de desestabilizadora da ordem, já que ela demonstra ser o gênero, o resultado de um esforço performático e não biológico; a construção do gênero não é um *continuum* do sexo que o indivíduo apresenta. No caso das travestis esta consideração fica patente: ainda que seu sexo seja culturalmente definido como de homem, na medida em que ao nascer se lhe foi identificada a genitália masculina, o pênis; as travestis atuam na produção do gênero feminino. Elas dedicam parte considerável de seus dias na (re) elaboração de uma feminilidade que tenha reconhecimento social [...] (GONÇALVES DOS SANTOS, 2015, p.55).

Por enfrentarem as normas impostas, elas sofrem com a homofobia, inclusive dentro de suas próprias casas, quando começam a fazer modificações em seus corpos. Tendo a rua como único destino, as travestis tecem redes de solidariedade entre elas e



produzem saberes para enfrentar cotidianamente o “problema” que é romper com as normas de gênero.

Histórias que produzem Lady Débora

Lady Débora nasceu em Vitória – Espírito Santo, no ano de 1979. Atualmente mora no município da Serra, onde vive com seu filho. Nascida em uma família cristã evangélica com outros oito irmãos, ela afirma que desde cedo se sentia desconfortável com a masculinidade que lhe era imposta.

Ao falar sobre seu processo de inserção na escola, a educadora o descreve como um pouco problemático por ter sofrido preconceitos. Isso fez com que se envolvesse com outros colegas, que também eram estigmatizados no ambiente escolar. Na adolescência, Lady Débora lembra a dificuldade de se encaixar na igreja protestante Assembleia de Deus, que sua família frequentava. Por isso, acabou se envolvendo com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica, onde se encontrou e iniciou sua militância e defesa dos direitos humanos.

Lady Débora reconhece que o encontro com as Comunidades Eclesiais de Base foi um potencializador de sua militância. Após viver uma infância marcada por dúvidas sobre sua identidade, ela se identificou com bandeiras defendidas pela Igreja Católica nos anos de 1990, como a defesa dos negros, das mulheres, entre outras.

Ao mesmo tempo, a religião é reconhecida pela educadora como um ponto de segurança contra os perigos da rua. Ela entende que a fé a salvou em momentos extremos, nos quais correu risco de vida. Por isso, ensina que é muito importante acreditar em alguma coisa, ter fé. Mesmo não podendo continuar na Igreja Católica, por conta de seu processo de transformação corporal, ela afirma que a fé a ajudou no caminho que foi obrigada a fazer de sair de casa para morar na rua, espaço onde precisou se prostituir e usar drogas.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Aos 20 anos, Lady Débora adota uma criança e sua vida muda completamente. Impedida de trabalhar na rua, ela inicia um processo de empoderamento que a conduz por caminhos de luta e envolvimento com a população LGBT. Atualmente, a educadora faz parte de Conselhos de Direitos, é diretora da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABLGBT), a maior entidade do Brasil, da América Latina e Caribe, faz parte da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e coordena o Grupo Orgulho Liberdade e Dignidade (GOLD) com sede em Colatina – ES.

O processo de transformação de seu corpo contribuiu para saída da igreja e da família e a educadora teve como única opção a rua. Vivenciando a prostituição e uso de drogas, Lady Débora consegue ressignificar experiências dolorosas e passa a defender a cidadania de outras *trans* e populações que experimentam a desigualdade.

A educadora afirma categoricamente que a política que faz em favor de populações vulneráveis está alicerçada em sentimento. Para ela, se não houver sentimento, o trabalho vira politicagem. Por isso, Lady Débora enfatiza que o seu papel é representar pessoas e grupos excluídos. Muito além de defender o público LBGT, a educadora se considera uma defensora dos direitos humanos e, nesse caso, inclui como alvo de sua luta crianças e adolescentes, idosos, pessoas com deficiência.

Sua formação como pessoa é marcada também pela troca de experiências com travestis e transexuais mais velhas. Muito de seu aprendizado para lidar com a rua foi repassado por essas colegas. Aprendeu gírias, cuidados com a saúde, e a “malandragem” nos pontos onde trabalhou. Uma de suas principais frases é “a vida e a morte sempre andam com a travesti e em vários momentos eu estive entre uma e outra”.

Ao falar sobre sua relação com a escola, a educadora o faz com certa tristeza. Afirma que uma das suas maiores dores foi não ter podido estudar. Embora se reconheça



como uma pessoa politizada e conhecedora dos seus direitos, Lady Débora gostaria de ter aproveitado a escola como um espaço de aprendizado para ter uma profissão. Estar na escola, para ela, não era uma coisa comum. No ambiente escolar, sofreu preconceitos, apanhou e em nenhum momento pôde se mostrar da forma como gostaria. Mesmo assim, construiu estratégias para enfrentar essas situações e formou um vínculo de amizades com colegas que sofriam discriminação, protegendo-as em muitos momentos.

Mesmo diante de tantas dificuldades para se desenvolver como ser humano, a educadora conseguiu transformar dores, tristezas e privações em bandeiras de luta e militância. E o faz muito bem sendo reconhecida no Espírito Santo e no Brasil como uma das mais importantes lideranças do Movimento LGBT.

Apresentação e resultados

A partir do interesse dessa pesquisa, que se direcionou para os sentidos da educação social inventada por uma (*trans*) educadora social, das leituras que foram feitas de artigos, livros e das narrativas produzidas pela colaboradora na pesquisa, foi possível identificar algumas unidades de significado que serão discutidas posteriormente.

Ao buscar descrever a educação social produzida por uma (*trans*) educadora, as categorias compromisso, fé, aprendizado, resistência e educando na rua, se desvelaram como centrais na compreensão do fenômeno e para as análises.

A educação social produzida por Lady Débora está fundamentada no compromisso com a população *trans* e ser educadora social é estar misturada com a defesa da cidadania dessa população e no cotidiano causar desconforto questionando brincadeiras e falas preconceituosas que foram naturalizadas em nossa sociedade.

[...] Então, militante / educadora eu acho que é isso, é um compromisso com a população, com os direitos de quem não entende desse processo natural do preconceito entendeu? São muitas coisas, eu acho que não dá para definir não.



Freire (2005) ensina que o amor pela causa dos oprimidos é comprometer-se. O amor é um ato de coragem que se materializa no compromisso decorrente da percepção do outro. As práticas da educadora social demonstraram a preocupação de defender a dignidade da população *trans*; proteger seu filho e ensinar um caminho de respeito à diversidade; e proteger colegas de escola que experimentaram, assim como ela, a exclusão.

Ser educadora social é segundo Freire (S/D) ter coerência com o que se fala e o que se faz. Ter compromisso é envolver-se com o outro de tal forma que se torna um viver-com-o-outro, no qual as diversas formas de sofrimento entrelaçam pessoas e motivam a construção de um mundo humanizado, onde seja possível a convivência das diferentes formas de existência. Ser Lady Débora (*trans*) educadora social é caminhar entre a vida e a morte tendo o medo como uma ferramenta de proteção. É experimentar o que Paulo Freire (2005) chama de situação-limite, produzindo novas possibilidades.

[...] A vida e a morte sempre andam junto com a travesti. Em vários momentos e situações eu estive entre essas duas coisas e mesmo que as pessoas não acreditem e discordem da fé, a fé foi muito importante para mim por que ter esse temor do medo, do cuidado, do agradecer e o medo da maldade das pessoas me ajudou por que talvez eu não estivesse aqui. [...].

Ser Lady Débora (*trans*) educadora social é enfrentar a prostituição como meio de sobrevivência e a drogadição, reelaborar essas experiências e reconhecer a humanidade da população *trans*.

[...] Eu sempre defino nas minhas palestras, naquela lá na escola não teve, eu sempre coloco uma figura de um desenho animado para definir quem são as pessoas LGBT e TRANS e eu defino sempre como X-MAN, entendeu? Por que vivem no submundo, sempre escondidos, têm que ir para casa de alguém, são mutantes, tem aquelas pessoas boas e as ruins. O preconceito todo da sociedade está em torno daquela



população como diferentes, como pragas, como pessoas que têm que ser mortas sabe? [...].

A fé é um suporte fundamental para nossa educadora. O envolvimento com a espiritualidade marcou intensamente sua vida e possibilitou a construção de resistências diante da difícil vida na rua. Frente à dureza representada pela rua, Lady Débora enxerga seus pares e se move no sentido de diminuir o sofrimento dessas pessoas.

A religião é importantíssima. É importantíssimo você acreditar e ter fé em alguma coisa. Acho que faz bem, acho que é importantíssima a religião no mundo, seja ela crença, cultura. É muito mais gostosa quando se mistura tudo.

Nossa educadora social concorda com Freire (2005, p. 34) quando este afirma:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

Ser-no-mundo para a educadora social é ser-com-o-outro e transformar angústias em possibilidades de enfrentamento e em ações políticas para o resgate da cidadania dela e outras pessoas que experimentam a exclusão. Ser Lady Débora (*trans*) educadora social é aprender com a vida de outras *trans*, estar agradecida por esse aprendizado ter protegido sua vida e também sentir-se alegre por possibilitar momentos de felicidade para pessoas que tiveram como único destino a rua.

Nos relatos da educadora social é possível perceber a gratidão às travestis mais velhas pela iniciação na arte de “fazer o corpo”. Assim, o corpo como porta de entrada para o mundo (MERLEAU-PONTY, 2011) é o corpo que aprende com cada “cicatriz” contada pelas mais experientes, que constrói laços de solidariedade e compaixão frente à morte produzida pelo HIV.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



A partir disso lá na rua eu conheci diversas meninas que me chocaram, por que eu convivi bem próximo com várias meninas que se foram por causa do HIV e eu tinha caído, como te falei, num momento que elas passavam essa preocupação para gente, elas não queriam e contavam para gente que eram os clientes, quem tinha e quem não tinha por causa do sexo oral, por várias situações.

É também um corpo que se mobiliza para construir o Projeto Trans em Ação como meio de estimular a politização e a garantia de direitos da população trans. Freire (2005) ensina que um dos maiores desafios do mundo é humanizar as pessoas, pois as situações de injustiça, mesmo sendo concretas na história, são construídas por uma ordem injusta que gera opressão e separação.

O meu Projeto Trans em Ação nasceu de um curso que fiz sobre movimentos sociais. Descobrir onde está a lacuna do problema e tentar resolver, por isso criei o Projeto Trans em Ação.

O enfrentamento da dor e do sofrimento, materializados na rejeição familiar e comunitária contribuíram para que a educadora social ressignificasse sua existência e encontrasse caminhos para transformar tristeza em reflexão e ação. Descer do salto é uma forma de encarar radicalmente preconceitos e limitações impostas pelo binarismo de gênero.

A rua é o local de construção para muitas travestis. É para lá que vão após serem expulsas da família, da escola, da religião e é onde vivem, trabalham e produzem seus corpos e identidade. Lady Débora mostra nas suas falas o perigo que é viver na rua e depender da prostituição como forma de sustento. É preciso construir estratégias para enfrentar clientes, cafetões, traficantes, chuva, frio e também outras travestis que disputam espaço em ruas e avenidas das cidades.

É o meu papel nesse momento enquanto eu estou no shopping tomando um capuccino com muita gente circulando, pensar que eu estou

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



gravando uma entrevista, mas falando das pessoas que estão ali na chuva agora que estão fazendo programa e que terão que pagar a diária quando chegar a casa. E aí ela não vai ter dinheiro hoje porque a chuva caiu, porque o cliente não vai pegar, ela está sem sombrinha e ela vai ter que assaltar, vai ter que roubar, vai ter que se drogar para aguentar o frio. Entendeu? Não é do estado não vai poder entrar, o traficante criou problema, um espertinho quer o dinheiro dela. Então é o seguinte: esse momento meu não é para aparecer, esse momento meu é para falar daquelas pessoas que neste momento não têm esse espaço aqui.

Na mundanidade da rua, a educadora inventou possibilidades pedagógicas para que a população *trans* saísse da invisibilidade para ser mais (FREIRE, 2005). Sua prática política é libertadora por reconhecer seus pares como seres que estão sendo e, por isso, inacabados e inconclusos. Nesse sentido, Lady Débora ensina que as travestis não podem ser conhecidas/associadas apenas à prostituição mesmo que muitas delas dependam desse trabalho.

A realidade de exclusão que muitas *trans* experimentam é construída na e pela sociedade e precisa ser questionada por práticas revolucionárias. “Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação os homens se “apropriam” dela como realidade histórica, por isso mesmo, capaz de ser transformada por eles (FREIRE, 2005, p. 85)”.

Por fim, Ser Lady Débora (*trans*) educadora social é educar no “chão da rua” para produzir uma (*trans*) educação adaptada ao movimento da rua, reconhecendo esse espaço como local de trabalho, transformando situações desumanizantes em meios de segurança e materializando formas de transgressão.

Eu tinha um olhar diferenciado. Eu criei sistemas de segurança na rua com placas do carro, de marcar com tijolo na parede a placa do carro, coisa que ninguém tinha. Como eu trabalhei como estagiária, não era adolescente aprendiz o nome, eu conhecia emblemas. Eu conseguia diferenciar para as meninas o valor do preço pelos emblemas. Eu

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



conhecia emblema da Garoto, emblema da Vale, emblema da CST e quem morava em Vila Velha por que tinha aquele sistema da terceira ponte. Foram algumas coisas que eu falava com as meninas, elas assistiam pouco jornal. Então eu sabia quem era filho de delegado que falou sobre o crime no jornal e estava saindo com a gente. Tudo isso eu trouxe da escola, da comunidade, por que eu tinha que assistir essas matérias por causa da igreja, por causa do movimento popular.

A rua, enquanto espaço psicológico constituído de múltiplas determinações, provoca o educador social a compreendê-la e tomá-la com esperança de que é possível ensinar e aprender, lutar e resistir contra os obstáculos que impedem a cidadania e a humanização.

Freire (1996, p. 76-77) enfatiza que um ser-da-esperança precisa compreender que:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição ao nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências [...].

A rebeldia de se levantar contra condições perversas faz de nossa educadora uma defensora da vocação para ser mais (FREIRE, 2005). Lady Débora traz nos seus relatos provas cabais de que seu ser-com-o-outro e fundamentado em rebeldias cotidianas que se transformaram em ações revolucionárias em favor dos excluídos, grupo do qual ela fez parte. Ser-com-o-outro é ter a certeza de que é possível modificar estruturas desumanizantes, pois elas são construídas e podem ser desconstruídas por uma educação de rua.

Considerações finais

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Longe da educação ofertada dentro das escolas se produzem formas de sociabilidade que merecem ser conhecidas e descritas. São as resistências cotidianas que a população *trans* constrói e reconstrói como forma de empoderamento em uma sociedade que, em diversos momentos, lhes nega a cidadania. Essa educação social é uma legítima ferramenta de enfrentamento e de não aceitação das desigualdades.

Nesse sentido, qual o tipo de educação que se produz na “margem”? Esse foi um questionamento que me fiz ao iniciar o trabalho e para tentar respondê-lo mergulhei de forma ética e comprometida no mundo-vida de uma (*trans*) educadora social com relevante atuação no movimento LGBT capixaba e brasileiro. Essa colaboradora, que construiu junto comigo a pesquisa, dispôs-se generosamente a narrar/ (re) inventar sua história de vida e cotidiano para que eu pudesse me envolver e captar os sentidos e significados de sua existência.

O Ser Lady Débora (*trans*) educadora social se produz com um “descer do salto” para promover rebeldias na mundanidade da rua. Essas transgressões cotidianas buscando o ser mais acompanham o que defende Freire (2005) quando ensina que a tarefa do educador é contribuir para a humanização do mundo.

O Ser Lady Débora (*trans*) educadora social se materializa em um ser-da-esperança que ama as pessoas e o mundo, que não se esquivava de espalhar amorosidade, que aprende com seus pares e demonstra gratidão. Mas, o Ser Lady Débora (*trans*) educadora social se funda na subversão de normas para construção/produção de uma (*trans*) educação fundamentalmente revolucionária.

Referências

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



BORILLO, Daniel. **Homofobia: história de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

CALIMAN, Geraldo. **Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social na europa (Itália)**. Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100015&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 de ago. 2015.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia social: seu potencial crítico e transformador**.

Disponível em: <<http://sites.unicentro.br/wp/cursodepedagogia/files/2011/08/caliman-pedagogia-social-transformadora.pdf>>. Acesso em 10 de ago. 2016.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia social: contribuições para a evolução de um conceito**. In. Da Silva, Roberto et al. (Orgs.). **Pedagogia social: contribuições para uma teoria geral da educação social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2011.

COLODETE, Paulo Roque; PAIVA, Jacyara Silva; PINEL, Hiran. **Pedagogia Social. Definições, formações, espaços de trabalho, grandes nomes & epistemologias**.

Disponível em: <<http://www.soufabra.com.br/revista/index.php/cedfabra/article/view/11/3>>. Acesso em 10 de set.. 2015.

DAVI, Edmar Henrique Dayrell. **Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti**. 29/07/2013. 184 F. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

DENTZ, René Armand. **Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty**.

Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4238/3356>>.

Acesso em: 05 de set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



_____. **Virtudes do educador.** Disponível em:
<<https://escrevivencia.files.wordpress.com/2016/02/virtudes-do-educador.pdf>>. Acesso em: 27 de mar. 2016.

_____. **Educadores de rua: uma abordagem crítica.** Disponível em:
<<https://escrevivencia.files.wordpress.com/2016/02/educadores-de-rua.pdf>>. Acesso em 19 de jul. 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes;
GOELLNER, Silva Vilodre; FEPIPE, Jane. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes 2013.

GONÇALVES DOS SANTOS. Rafael França. **As aparências enganam?** a arte do fazer-se travesti. Curitiba: Appris, 2015.

GRACIANI, Maria Stela. **Pedagogia Social de Rua.** São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2014.

GRUPO GAY DA BAHIA. Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: **relatório** 2013/2014. Disponível em:
<<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relate3b3rio-homicidios-2013.pdf>>. Acesso em 02 de set. 2015.

LOURO, Guacira. Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PAIVA, Jacyara Silva de. **Epistemologia da educação social de rua.** Disponível em:
<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092010000100015&script=sci_arttext>. Acesso em 12 de out. 2015.

PERES, Wilian Siqueira. **Travestis brasileiras: dos estigmas à cidadania.** Curitiba: Juruá, 2015

REIS, Alice Casanova dos. **A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty.** Disponível em:

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



<http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/02_Alice%20Casanova%20dos%20Reis.pdf>. Acesso em: 08 de set. 2015.

RYYNANEM, Sanna. **Os fundamentos de uma pedagogia social crítica**. Disponível em: <[https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view File/1632/979](https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/File/1632/979)>. Acesso em: 08 de ago. 2015.

Sobre os autores

Hiran Pinel

Pós-doutor em Educação e Professor Associado IV da Universidade Federal do Espírito Santo no Centro de Educação e Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UFES Educação pela FAE/UFMG. Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo IP/USP. Mestre em Educação pelo PPGE/UFES. Email: hiranpinel@gmail.com

Rodrigo Bravin

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – PPGE/UFES e professor de sociologia da rede estadual do Espírito Santo. Email: rodrigobravin@gmail.com

Recebido em: 27/09/2016

Aceito para publicação em: 15/10/2016